

CARTA DE PARIS

Uma literatura de antecipação, que é apenas a "purga verbal" dos instintos de destruição e morte

p o r J A I M E B R A S I L

Seja ou não conseqüência da guerra de 1914-1918, o certo é que a geração formada durante ela tem exacerbados os instintos de destruição e de morte que, segundo o luminoso conceito freudiano, se opõem aos do Amor e da Vida.

Essa exacerbação toma formas evidentes, quer no gôsto de certo sector da juventude em congregar-se em formações para-militares, quer na prática das mais ferozes modalidades da guerra, sem o respeito pelas convenções, que exigiam negociações diplomáticas prévias, declaração do estado de beligerância e o respeito pelos acôrdos internacionais, como o da Cruz Vermelha, para protecção de feridos e inválidos e até dos não combatentes. Escuso de exemplificar com o que se está passando dum extremo ao outro desta Euroásia, que tem visto florescer todas as civilizações e que está dando mostras de ter gôsto em cair na barbarie.

No campo da literatura, êsses mesmos instintos tomam a forma de «purgas verbais», de confissões, num estado semelhante ao da hipnose, em que cada mancebo, com propensão para as letras, se compraz em escrever obras de antecipação, em que a personagem central é a guerra.

Não me tenho por um contemplador dos tempos passados, mas devo reconhecer que as antecipações dos escritores doutras eras, desde as mais recuadas até bem próximo de nós, fantasiavam uma humanidade melhor, uma sociedade mais bem organizada, fautor de um pouco de felicidade para os homens, cansados de sofrer privações e violências.

Para o provar,—sem alarde de erudição, que seria descabido, bastaria citar: a «Cidade do Sol» de Campanella, a «Utopia» de Tomás More, a «Icaria» de Cabet; e, mais perto de nós, «O mundo no ano 2.000» de Bellamy e «Sôbre a pedra branca» de Anatólio France—para só rastrear os cimos dessa literatura, confortável e otimista, de antecipação e extravagante fantasia.

Hoje, os que querem fazer antecipações, só vêem a guerra futura. Certo que se podem tirar ensinamentos dessas ficções literárias e criar até o horror à guerra. Mau é porém,—segundo o dito popular—«falar em corda em casa de enforcado», isto é, ver-

sar assuntos em que o ódio e a violência ocupam o primeiro plano, perante uma humanidade inquieta e insatisfeita.

Êsses antecipadores aparecem em todos os países, e não poderá dizer-se que tal «manifestação artística» seja peculiar a um determinado grupo humano. Assim, para falar apenas de livros recentes, temos o do inglês Fowler Wright que visiona a poderosa máquina de guerra alemã triturando a livre Checoslováquia. No outro extremo, o japonês Fukunaga prevê uma «guerra santa» entre o seu país e a América do Norte. Outro japonês, Ishimaru, afirma que a guerra entre o Japão e a Inglaterra é inevitável, e imagina-nos seus pormenores.

O russo Pawlenko, no seu livro «No Oriente», antevê, com uma serenidade de jogador de xadrez, a futura guerra entre a União Soviética e o Japão, nos vastos campos de batalha da Ásia, que viram passar as hordas de Gengis-Kan. Descreve o poderoso aparelho militar que existe na Siberia Meridional, e que tem inteira autonomia do resto da União e prevê, muito naturalmente, o aniquilamento do império nipónico e do seu espírito belicista e expansionista que, neste momento, está talando a China quasi inerte.

Todos êstes escritos, e muitos outros da mesma intenção, até de autores portugueses como Adolfo Coelho, terão o mérito de precaver os homens de boa-vontade contra o que os espera, criando nas massas a repugnância pela obra destruidora da vida, da beleza e tudo que signifique civilização. No entanto, seria preferível que êsses escritores applicassem a outros objectivos a sua fantasia.

Não é que a guerra seja um assunto tabu e que deva sôbre ela fazer-se silêncio para não desencadear as cóleras dos senhores deuses dos exércitos. A verdade porém, é que, segundo o conceito kantiano que sempre me apraz repetir, «as ideias são como os pregos e tanto mais penetram quanto mais se lhes bate». Assim, a literatura contribuindo com o seu prestígio e forte poder de sedução para avolumar a ideia da fatalidade da guerra, fará criar nos predispostos para a violência, nos que se deleitam com a vista do sangue, mas que têm latentes êsses instintos—um avigoroamento e um despertar de ideias por certo contrárias à paz.

Paris. — Janeiro.